# Oração.

Bom dia, meus irmãos, vamos começar com uma oração...

# Introdução.

Vamos dar continuidade ao nosso estudo sobre a reforma protestante e na aula de hoje falaremos sobre o impacto da reforma na cultura contemporânea. Mas antes gostaria de trazer um versículo bíblico que acho que se encaixa no tema que estamos estudando.

Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. 2 E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. (Rm 12.1–2)

Se vocês tivessem que escolher uma única palavra desses versículos para associá-la à nossa aula de hoje, qual delas vocês escolheriam? Vocês podem responder sem medo, porque não importa a palavra que você irá escolher. O que importa é o porquê você a escolheu.

Para mim, a palavra que é mais se relaciona com o assunto que iremos trabalhar hoje é **“conformeis”**. Essa palavra, segundo o Dicionário Houais (2004) tem diversas acepções porém, podemos identificar dois grupos básicos: **o primeiro** trazendo a ideia de dar forma, molda, transformar; **o segundo** trazendo a ideia de resignação, sujeição, conciliação.

1 dar ou tomar forma; configurar(-se)

2 estar em conformidade ou de acordo com; identificar-se

3 ser da mesma opinião; concordar

4 pôr(-se) em conformidade com outra coisa tomada como modelo

5 resignar-se com; aceitar

6 sujeitar-se a, submeter-se

7 fazer conciliarem-se ou conciliarem-se duas ou mais coisas díspares

A ideia por trás da palavra grega que foi traduzida por “conformar” é “Formar ou moldar o comportamento de alguém de acordo com um determinado padrão ou conjunto de padrões” [[1]](#footnote-1) Dessa forma o que Paulo está nos ensinando nesses versículos é que não devemos tomar a forma desse mundo, mas sermos transformados pela renovação de nossa mente. Exatamente como nessa figura, onde o oleiro estºa dando a forma que ele deseja ao barro.

E foi exatamente isso que os cristãos das gerações posteriores à reforma fizeram. Eles renovaram suas mentes e condutas. Essa renovação foi mostrada pelo pastor Nabarrete quando ele nos mostrou o impacto que o cristianismo, em especial o protestantismo, teve na cultura ocidental.

Dos diversos exemplos de influência que ele nos trouxe, eu me lembro dos seguintes: da luta contra a escravidão; da melhoria da moralidade da população; do combate ao trabalho infantil; da assistência social; da luta contra o analfabetismo; do desenvolvimento de um ambiente propício ao capitalismo; da valorização a família.

Também foi falado que o cristão não deveria fugir do mundo, porém deveria ser sal para a terra.

Embora esse seja o ideal cristão, nem sempre foi assim. Às vezes o cristão fugia dessas áreas, outras vezes ele vivia em harmonia e outras ele passava a seguir ardorosamente essas áreas.

Agora que temos consciência disso, vamos nos aprofundar um pouco mais nessa relação da cultura e do cristianismo, abordando duas vertentes culturais em especial: a ciência e as artes.

# Desenvolvimento.

## Cosmovisão

Para entendermos essa relação, às vezes conturbada entre religião, cultura e ciência, temos que entender um conceito fundamental que começou a ser trabalhado na aula passada: **a cosmovisão**.

Naquela aula foi falado que a cosmovisão é a nossa visão de mundo, os óculos pelos quais nós vemos o mundo e como o interpretamos.

Aprofundando um pouco mais o conceito, podemos usar a definição de Jame W. Sire. Para ele “*Cosmovisão é um compromisso, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expressa como uma estória ou num conjunto de pressuposições (suposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou totalmente falsas) que sustentamos (consciente ou subconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a constituição básica da realidade, e que fornece o fundamento no qual vivemos, nos movemos e existimos*” (SIRE, 2012, p. 179)

Sobre a cosmovisão pretendo apenas explorar um trecho do conceito de Sire, o que fala do compromisso e do coração. Cosmovisão é muito mais profundo do que um mero assentimento intelectual. É aquilo que verdadeiramente cremos e pelo qual somos capazes de morrer. São as opções de vida que brotam de nosso coração, mas não o coração no sentido em que conhecemos nos nossos dias, mas o coração como descrito nas Escrituras. Segundo Sire (2012), nas Escrituras o termo coração é usado como sendo o elemento definidor central da pessoa humana.

A isso acrescentamos que toda pessoa tem a uma cosmovisão, tenha ela consciência disso ou não. Essa cosmovisão pode sofrer alterações no decorrer da vida de uma pessoa à medida que ela abandona alguma de suas premissas. A maior mudança de cosmovisão que acontece na vida de um cristão é a conversão.

Agora temos condições de entra na relação do cristianismo com as artes e ciência.

## Cristianismo e as artes e ciência. Visão geral.

A relação entre os movimentos protestantes e arte e a ciência apresentaram diversos altos e baixos. Foi presenciado, durante a reforma, um forte movimento iconoclasta, principalmente na arte religiosa. Também é inegável que algumas vertentes protestantes tinham sérias restrições quanto aos esportes. Na área da ciência, Alister McGrath cita dois fatos desabonadores: o primeiro foi uma ação judicial ocorrida nos Estados Unidos onde “a ciência” foi parar no “banco dos réus” por conta do evolucionismo. O segundo foi a suposta afirmação de Calvino contra a descoberta de Copérnico.

Contudo, Alister McGrath (2012), em seu livro A Revolução Protestante, fez uma observação muito importante: que o movimento protestante é multiforme e, portanto seria natural surgir uma forma variada de manifestações sobre esses assuntos.

Na reforma protestante apareceram três movimentos que modelariam as posteriores denominações protestantes: os luteranos, os reformados e os anabatistas. Cada uma dessas tradições protestantes reagiu de forma diferente em sua relação com o mundo e muitas vezes se comportou de maneira ambivalente com essas duas áreas. Em alguns momentos apresentou feroz oposição a elas. Em outros, entusiasmado apoio, muitas vezes em detrimento da fé.

Como esses movimentos surgiram em oposição da teologia católica, temos que entender um pouco do catolicismo medieval para, então entendermos os movimentos protestantes.

### Artes

A igreja romana tem em sua liturgia uma forte manifestação sensorial. Através das imagens, pinturas e rituais ela transmite aos fiéis a sua teologia. Por outro lado, o movimento reformador tinha uma teologia totalmente diferente da teologia romanista. Com essa interrupção na teologia, era natural que houvesse um rompimento com toda a simbologia e ritualística adotada pela igreja católica romana.

Esse rompimento foi no mais variado grau. Havia, em um extremo dessa gama de vertentes protestantes, um grupo radical – **os anabatistas**. Esse grupo entendia que a igreja tinha que ser reconstruída não podendo haver continuidade com a antiga igreja. Para eles não havia como a igreja ser reformada. A mesma tinha que ser reconstruída desde os seus alicerces.

No outro extremo, encontramos **os luteranos** e **anglicanos**, os quais entendiam que muitos dos ensinos da igreja católica romana estavam em desacordo com as Escrituras, porém não havia uma necessidade de reconstrução, bastava que a igreja fosse reformada. Desta forma mantiveram em sua teologia, liturgia e arte muitos elementos igreja romana. Dentre esses elementos, podemos destacar o elemento visual, o qual foi mantido, contudo com um redirecionamento do uso das imagens (MCGRATH, 2012, p. 350).

Por fim, podemos situar um terceiro grupo, que se situou entre esses dois grupos: **os reformados**. Eles entendiam, da mesma forma que os luteranos e os anglicanos que a igreja tinha que ser reformada e não reconstruída. Dessa foram, os reformados mantiveram parte dos ensinos católicos e eliminou aquilo que estava em desacordo com as Escrituras. Contudo, diferentemente dos luteranos e anglicanos, os reformados entendiam que a liturgia e adoração tinham que ser mudadas. Desta forma, em decorrência sua teologia, os reformados entenderam ser necessário o banimento das imagens dos templos cristãos(MCGRATH, 2012, p. 349–350).

Dessa forma, tanto no movimento anabatista, quanto no reformado houve um forte movimento de eliminação dos elementos visuais dos templos e do culto.

A razão para essa diversidade de pensamentos entre essas tradições cristãs está ligada diretamente à teologia das mesmas e a cosmovisão gerada por seu pensamento teológico.

Mas essa discussão tem importância para os nossos dias?

Vejamos algumas manifestações artísticas sejam boas ou ruins[[2]](#footnote-2) ...

Todas essas expressões artísticas nos cercam e estão presentes no nosso dia a dia e cada um de nós reagimos de alguma forma para com a arte. E essa reação pode apresentar o mesmo comportamento ambivalente que a igreja apresentou em sua história. Portanto, não podemos achar que essas reações ficaram apenas no passado. A discussão é atual e importante. Um bom exemplo disso é que existem denominações evangélicas que tem sérias restrições com a cultura e a ciência, como vocês podem ver dos dois exemplos a seguir.

O primeiro exemplo é o da Assembleia de Deus dos últimos Dias[[3]](#footnote-3). Um dos pontos que chamam a atenção nessa igreja é a vestimenta que ela propõe para as mulheres e sua relação com a cultura. Conforme o folder no qual essa igreja expõe a sua doutrina, a televisão, computador, internet são proibidos e jornais e revistas não são recomendados.

O outro exemplo são os amishs e os menonitas. Esses dois grupos cristãos são os descendentes diretos dos anabatistas e estão presentes nos nossos dias. Sobre os menonitas, o pastor Nabarrete já falou na aula passada. Os amishs não diferem muito dos menonitas, só que são mais conservadores em relação ao seu estilo de vida e são avessos à cultura moderna e à tecnologia.

No outro extremo encontramos igrejas que incorporam em seu culto elementos culturais em níveis que chegam a nos chocar. Um bom exemplo disso é a “Crash Church” que tem como público alvo headbangers (os metaleiros), góticos, rappers e motoqueiros[[4]](#footnote-4).

Assim, não podemos achar que isso é um dilema, essa ambiguidade diante da cultura e da ciência do passado e que não existe mais em nossos meios.

O que fez com que houvesse posicionamentos tão díspares entre esses grupos foram a teologia e a cosmovisão desses grupos. Via de regra, os grupos que se afastam das manifestações culturais entendem que essas atividades são pecaminosas. Esse pensamento é oriundo de uma visão que faz uma separação entre o secular e o sagrado. Essa é visão do catolicismo romano onde há uma divisão entre um grupo de homens mais espirituais (sacerdotes e monges) e um grupo menos espiritual (laicato). Para que estes tenham acesso a Deus é necessária a intervenção daqueles homens mais santos.

Seguindo esse pensamento Deus somente é glorificado nas coisas religiosas. O mundo pertence ao diabo e o reino de Deus é somente a igreja. O envolvimento com as coisas “mundanas” é perda de tempo ou pecaminosa. A única forma de se glorificar a Deus é em alguma atividade na igreja.

E como os reformados se comportam diante da cultura?

Da mesma forma que os demais protestantes tem variação de pensamento entre o si, os reformados também não é um movimento monolítico. Contudo, devido a sua teologia mais sólida e centralidade na soberania de Deus, eles são um grupo com pensamento mais coeso, inclusive na sua visão com relação à cultura em geral.

O **primeiro** diferencial é a visão com relação à **soberania de Deus**. Deus é soberano em todas as áreas, não somente sobre a igreja. Para os reformados, o mundo e tudo que nele há pertencem a Deus.

O **segundo** diferencial é a doutrina do **sacerdócio universal dos crentes** (NASCIMENTO FILHO, 1999). Para os reformados todos os crentes são sacerdotes. Dessa forma, qualquer cristão podia ter acesso a Deus sem a necessidade de outro mediador que não seja Cristo. Somente Cristo é o mediador entre Deus e os homens. Além desse privilégio surgia a obrigação de testemunhar a Palavra de Deus e uma das formas disso ser feito era através do trabalho, inclusive o artístico.

O **terceiro** diferencial é o ensino dos mandatos **cultural, social e espiritual**. O mandato espiritual é o relacionamento do homem com Deus; o mandato social é o relacionamento do homem em família; e o mandato cultural é o relacionamento do homem com a sociedade. Neste último mandato está incluída a relação para com a cultura, trabalho, meio ambiente, etc. Temos o dever de cuidar bem dessas coisas para a glória de Deus.

Essa visão diferenciada de encarar a vida teve um impacto gigantesco nas comunidades reformadas. Como o cristão podia glorificar a Deus por meio de seu trabalho, houve um grande desenvolvimento econômico. Como eles tinham uma visão positiva sobre a cultura, houve uma libertação das artes sobre o domínio da igreja.

Abraham Kuyper (2014) mostra com muita propriedade essa independência da arte em suas mais diversas vertentes. Ele coloca que as artes tem sua própria esfera, que não é mais subordinada à igreja, mas a Deus.

Além disso, devido a sua visão teológica, os reformados entendiam e entendem, que verdadeira espiritualidade não se manifesta por meio da arte. Assim, não houve muita produção artística religiosa ligadas ao culto.

Exemplos de artistas protestantes: Louis Bourgeois (música); Claude Goudimel (música); Rembrandt Harmenszoon van Rijn (pintura); Quellinus (escultura); De Heyzers (escultura); Anne Bradstreet (poesia); John Donne (poesia); George Herbert (poesia); Andrew Marvell (poesia); John Milton (poesia); Willian Shakespeare (teatro); John Bunyan (literatura); Daniel Defoe (literatura); Charles Sheldon (literatura).

Para finalizar gostaria de colocar a seguinte pergunta: “O cristão pode apreciar qualquer tipo de arte?”.

Para responder a essa pergunta é interessante que reflitamos sobre algumas colocações que o teólogo Francis Schaeffer (SCHAEFFER, 2010) faz em seu livro, A Arte e a Bíblia. Ele afirmar que toda obra de arte transmite uma mensagem e um pedaço da cosmovisão do artista. Ele também afirma que uma obra de arte tem valor artístico nela mesma, independentemente da mensagem.

Além dessas colocações, ele propõe um padrão de julgamento de uma obra de arte: 1) Excelência técnica; 2) Validade; 3) Conteúdo intelectual, a cosmovisão que está sendo comunicada; 4) Integração entre o conteúdo e o veículo.

Pelo **primeiro critério**, a arte é julgada apenas por sua qualidade técnica. Sua mensagem não é avaliada. Por esse critério é que podemos identificar um grande artista, concordando com sua cosmovisão ou não.

Pelo **segundo critério**, verificamos se um artista está sendo honesto consigo mesmo e sua cosmovisão, ou se está fazendo somente por dinheiro ou reconhecimento.

Pelo **terceiro critério**, julgamos a obra do artista pelo crivo das Escrituras. A mensagem da obra e a cosmovisão do artista é que deve ser julgada por esse critério.

Pelo **quarto critério**, analisamos se o veículo de comunicação escolhido pelo artista é adequado para a transmissão da mensagem. Isso fica claro quando um artista cristão faz uma obra para transmitir a mensagem do evangelho, porém as pessoas não conseguem entender a mensagem pelo fato do veículo escolhido ser inadequado. Isso significa que o veículo pode não ser adequado para a transmissão da mensagem.

Diante dessas colocações temos condições de responder que o cristão deve saber que nem todo tipo de arte convém ao cristão. Todo cristão tem que ter a consciência que muitos dos artistas não cristãos buscam disseminar sua cosmovisão anticristã a todo custo. Dessa forma temos que avaliar a qualidade da obra em todos os seus aspectos e não compactuarmos com aquelas cujas mensagens são contra os ensinos das Escrituras.

Schaeffer nos alerta para os riscos de determinadas obras com a seguinte colocação: “Precisamos perceber que, quando algo falso ou imoral é expresso por meio de uma arte de alta qualidade, isso pode ser mais destrutivo e devastador do que se fosse comunicado por meio de uma arte de qualidade inferior ou de uma afirmação prosaica”.

### Ciências

Da mesma forma que a relação entre religião e arte foi conturbada durante sua história, a relação entre religião e ciência também foi. Só que a manifestação ocorreu de forma um pouco diferente.

Nos nossos dias, a percepção que temos é que nessa relação o ataque vem principalmente do lado da ciência, onde os cientistas defendem que Deus e ciência são incompatíveis. Com relação às artes o ataque mais sensível parece partir dos cristãos.

Contudo, a razão básica para isso é a mesma: a rebelião do homem contra Deus e a separação do território de Deus e o território dos homens.

Kuyper, em seu livro Calvinismo, trabalha essa questão mostrando que existem duas formas de você ver o homem e a natureza: uma é entendendo que ambos se encontram em seu **estado anormal** outra é entendendo que eles se encontram em **estado normal**.

Para os que veem que o homem e natureza se encontram em seu estado anormal, há o reconhecimento de que Deus os criou bom, porém com a queda, a natureza e o homem se encontram caídos, desvirtuados de seu estado natural.

Por outro lado, para aqueles que veem que o homem e a natureza estão em seu estado normal, a fonte de seu conhecimento (a natureza) se encontra perfeita. Igualmente o instrumento humano que analisará esse objeto (o intelecto) se encontra em seu estado perfeito.

Essas duas visões distintas e antagônicas sobre a criação gera um afastamento progressivo cada vez maior entre as conclusões e posicionamentos a que cada um desses grupos chega. E ela pode ser sentida de maneira mais intensa em nossos dias quando olhamos a visão dos cientistas atuais para com a religião. Para eles religião é a total ausência de racionalidade.

Francis Schaeffer (1997), em seu livro, A Morte da Razão, trabalha essa dicotomia de maneira mais profunda. Ele nos mostra que a origem desse pensamento moderno está na divisão do mundo em um nível superior denominado “nível da graça”, onde encontraremos Deus, o céu e as coisas celestes e o invisível. Também pertenceria ao nível da graça, a alma humana e a unidade. O outro nível que é inferior é denominado “nível da natureza”. Nele se encontra toda a criação; a terra e as coisas terrenas. Também pertence ao nível da natureza a diversidade.

Com o desenvolvimento desse nível inferior, a camada que separava os dois níveis foi se tornando mais e mais espessa. Posteriormente, o nível inferior foi devorando o nível superior.

Outro ponto que favoreceu ao desenvolvimento do nível inferior foi a visão de Tomás de Aquino sobre a queda. Para ele a vontade humana estava caída, porém o intelecto estava intacto. Tal ideia permitiu que o ser humano se desenvolvesse cada vez mais e deu as condições para que o nível inferior tomasse espaço do nível superior.

Embora o pensamento de Schaeffer seja muito mais profundo e complexo, abarcando os desdobramentos posteriores desse ponto de vista e como ele desembocou na nossa forma de pensamento atual, isso já nos basta para entendermos a divisão que Kuyper faz entre normalistas e anormalistas.

Quando partimos do pressuposto que o intelecto humano e a natureza não foram corrompidos pela queda, como os normalistas o fazem, uma conclusão que podemos chegar é que não haverá limites para o desenvolvimento humano.

Baseado em seu intelecto, o homem busca encontrar uma lógica no funcionamento dessa natureza perfeita, tentando entender as leis que regem a mesma. Porém, ao observarem a natureza como estando em seu estado de perfeição, isso prejudicará as conclusões, pois estão trabalhando com um estado que não é o original da criação.

Contudo, se observarmos a natureza com maior cuidado, chegaremos à conclusão de que há algo de errado; poderemos observar que há algo de “estranho” na natureza. Esse “algo estranho” são os efeitos da queda, a maldição sobre a terra.

Essa conclusão que é extraída da observação da natureza, e que pode ser confirmada pelas Escrituras, se torna a premissa com que os anormalistas trabalham.

Além dessa conclusão, poderíamos acrescentar outra: que a natureza foi criada por um ser racional. Logo, deve haver alguma lógica regendo a natureza. Essa é a conclusão que cientistas teístas e deístas chegaram.

Vocês conseguem perceber que ambos os cientistas estão buscando encontrar a mesma coisa: a explicação da razão pela qual as coisas acontecem como acontecem. Contudo, cada um coloca a perfeição em pontos diferentes: os normalistas acreditam que a perfeição está na natureza e no intelecto humano; e os anormalistas acreditam que a perfeição está no Criador. A partir dessas premissas, cada um continua suas pesquisas.

Embora em muitas vezes a diferença de premissas não impacte em muitas pesquisas e conclusões, essas premissas controlam o raciocínio do pesquisador e podem levar a conclusões bem diferentes. De igual forma, essas premissas funcionam como bússolas que orientam o caminho que o cientista andará. Um dos caminhos que o normalista pode trilhar é o do completo abandono de Deus. Como o intelecto humano é de tamanha capacidade e não foi afetado pela queda, o homem é elevado à categoria de deus, tornando Deus desnecessário, o que impactará mais ainda as conclusões chegadas.

Isso fica bem evidente quando falamos da criação do universo. Para um pesquisador que não reconhece Deus, deverá haver uma explicação para a existência de tudo. Via de regra ele afirmará que o universo existiu desde sempre ou então, que se autocriou.

Isso pode nos induzir a pensar que a ciência deveria ficar subordinada à igreja. Contundo, Kuyper mostra que as duas devem atuar em esferas diferentes, porém subordinadas a Deus.

Àquela independência, acrescida da visão de que existe lógica na criação (pois esta é criação de um criador racional) criou espaço para o desenvolvimento da ciência como a conhecemos hoje.

Claro que se poderia argumentar que os normalistas fazem exatamente a mesma coisa que os normalistas ao tentarem encontrar a lógica por trás da criação. Contudo, a certeza da existência de um criador e do estado caído da humanidade e da natureza, deveria nos levar a um estado de humildade e cautela. Humildade pelo fato de que estaríamos cônscios de nossa limitação e pequenez diante um Deus tão grandioso. Cautela pelo fato de saber que o nosso objeto e método de estudos não são perfeitos e que, portanto, poderiam nos levar a conclusões equivocadas.

Por fim, é interessante lembrar uma colocação de Adauto Lourenço (LOURENÇO, 2014, seç. 11m20s): a diferenciação entre teoria científica e verdade ciência. A teoria científica é aquilo que estamos tentando provar, a verdade científica já foi estabelecida. Assim, se a ciência busca encontrar a verdade e, como cremos que a Palavra de Deus é a verdade, a verdade que a ciência descobrirá será a verdade de Deus. Contudo, se há discrepância entre aquilo que a Bíblia nos diz e o que a ciência nos diz, provavelmente estamos falando entre discrepância de uma teoria científica e a Bíblia. Contudo, se estamos falando de algo que foi intitulado como verdade científica, é possível que esteja havendo uma interpretação incorreta do texto bíblico, como aconteceu no caso do sistema geocêntrico, ou que esteja havendo um erro na classificação dessa constatação como verdade científica. Resumindo, a verdade final será sempre a verdade como revelada por Deus, quando esta foi corretamente interpretada.

Dessa forma, não há qualquer incompatibilidade entre fé e ciência. A aparente incompatibilidade é fruto de interpretações equivocadas, seja de cientistas ou de teólogos: **os teólogos**, quando fazem a interpretação equivocada das Escrituras e querem impor essa interpretação sobre a ciência; e **os cientistas**, quando querem tornar seu ponto de vista ou teoria imperativos, como se a única forma de se fazer ciência fosse sem Deus.

# Conclusão.

Meus irmãos, vimos que a relação entre religião e cultura, incluindo artes e ciência, sempre foi cheia de altos e baixos.

Vimos que a principal razão desses altos e baixos foi a separação do mundo em dois reinos distintos: um reino superior, de Deus e das coisas imateriais; e um reino da natureza onde encontramos tudo que é concreto e, portanto, o homem.

Em decorrência dessa divisão, Deus foi excluído do nível da natureza. E sem Deus, o homem se tornou o novo deus. Contudo, a visão reformada nega essa separação. Deus é soberano sobre tudo, sobre céus e terra. Não há nada que esteja fora de seu controle. Não existe, para os reformados essa distinção entre “o mundo” e Deus. Para nós, tudo que fazemos, incluindo arte e ciência, são para a glória de Deus.

Tendo ciência disso, podemos cumprir nosso mandato cultural e cuidar da criação de acordo com a vontade de Deus. Assim, um cristão pode admirar e produzir arte e ser um cientista.

Contudo, temos que nos lembrar de que nem tudo nos convém. A liberdade cristã pressupõem responsabilidade e maturidade. Nem tudo que é feito por um grande artista ou dito por um grande cientista deve ser aceito sem análise crítica. Como cristãos temos que submeter tudo ao crivo das Escrituras e somente aceitar aquilo que está de acordo com os Ensinos bíblicos. Não podemos nos esquecer de que tanto artistas quanto cientistas, através de suas obras expressam e advogam a sua cosmovisão. Não podemos sacrificar nossa cosmovisão no altar da ciência ou da arte, como se essas esferas fossem deuses que têm o poder de decidir o que está certo ou errado. Somente Deus tem esse poder.

Que Deus nos abençoe.

# Bibliografia.

HOUAIS, A. **Dicionário Eletrônico Houais.**Objetiva, , 2004. .

KUYPER, A. **Calvinismo.** 1a ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

LOURENÇO, A. **Adauto Lourenço - “Evolucionismo e Criacionismo” - Programa “Caminhos”**PortugalAliança Evangélica Portuguesa, , 2014. . Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TYLadtiLkvw>.

MCGRATH, A. E. **A Revolução Protestante. Uma provocante história do protestantismo contada desde o século 16 até os dias de hoje.** 1a ed. Brasília: Palavra, 2012.

NASCIMENTO FILHO, A. J. do. O Laicato na Teologia e Ensino dos Reformadores. **Fides Reformata1**, v. 4, n. 2, 1999.

SCHAEFFER, F. A. **A Morte da Razão.** 7a ed. São Paulo: Fiel, 1997.

SCHAEFFER, F. A. **A Arte e a Bíblia**. 1a ed. Viçosa: Ultimato, 2010.

SIRE, J. W. **Dando Nome ao Elefante. Cosmovisão como um Conceito.** 1a ed. Brasília: Monergismo, 2012.

1. To form or mold one’s behavior in accordance with a particular pattern or set of standards—‘to shape one’s behavior, to conform one’s life.’ μὴ συσχηματίζεσθε τῷ αἰῶνι τούτῳ ‘do not shape your behavior to the standards of this world’ Ro 12:2. In order to express the concept of ‘conforming one’s life’ it may be necessary in some languages to indicate the factor of change, for example, ‘to change one’s life so that it will be like (LOUW; NIDA, 1996). [↑](#footnote-ref-1)
2. Para classificar como ruim adotei o critério sugerido por Francis Schaeffer. [↑](#footnote-ref-2)
3. <http://www.adud.com.br>. [↑](#footnote-ref-3)
4. [www.crashchurch.com](http://www.crashchurch.com). [↑](#footnote-ref-4)